

# O envelhecimento e a viuvez da mulher num contexto rural: algumas reflexões

Caroline Stumpf Buaes\*

## Resumo

Este estudo buscou analisar como a mulher constrói a sua experiência de ser velha e viúva através de uma pesquisa qualitativa realizada no distrito rural de Bela Vista, pertencente ao município de Passo Fundo - RS. Bela Vista caracteriza-se por ter sido fundada por imigrantes italianos e, atualmente, pela produção de grãos em grandes propriedades. A mulher que perde seu cônjuge aprende a ser viúva no meio cultural em que vive e através dos diferentes discursos que atribuem sentido à viuvez. A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas acerca da história de vida de nove mulheres viúvas e observações efetuadas na comunidade, principalmente nos encontros do grupo de idosos. O grupo de entrevistadas pode ser diferenciado entre as “velhas-velhas” (93 e 94 anos) e as “velhas-jovens” (de 51 a 68 anos). Os dados foram analisados pela construção de categorias analíticas. Foi possível obser-

var algumas mudanças na forma como a mulher idosa está vivenciando o seu envelhecimento e construindo a sua experiência de ser viúva. Destacam-se três aspectos que estruturam suas experiências: o trabalho, as relações conjugais e as experiências em um grupo de convivência para idosos. Assim, destaca-se que a mulher aprende a ser velha e viúva num cenário de mudanças no modo de produção rural e de emergência de novos discursos sobre envelhecimento e significados atribuídos a esta etapa da vida.

*Palavras-chave:* Mulher. Envelhecimento. Viuvez. Meio rural.

\* Psicóloga, mestra em Educação pela UFRGS.

Recebido em out. 2006 e avaliado em mar. 2007

## Introdução

A reflexão sobre o envelhecimento da mulher num ambiente rural, apresentada neste artigo, integra uma pesquisa de dissertação de mestrado acerca da experiência de viuvez de mulheres idosas no meio rural. A pesquisa foi realizada no distrito de Bela Vista, pertencente ao município de Passo Fundo, que está localizado na região do Planalto Médio do estado do Rio Grande do Sul, em 2003 e 2004. Esta é uma região do estado produtora de grãos e que vem se transformando à medida que a agricultura está se expandindo e se modernizando, mas ainda preserva elementos de tradição cultural dos imigrantes italianos.

Além das mudanças no processo produtivo, observa-se que outros elementos também estão alterando alguns aspectos dos modos de vida dos moradores de Bela Vista, dentre os quais se destaca o discurso sobre o envelhecimento promovido pelo grupo da terceira idade, que é influenciado pelos discursos culturais sobre o modo como “devemos” viver esta etapa da vida e que “interpela” as mulheres a adotarem certos tipos de comportamento, ensinando-as, assim, a se tornarem velhas.

A Prefeitura Municipal de Passo Fundo possui projetos voltados para grupos de terceira idade, tanto no meio urbano quanto no rural, os quais são estruturados e organizados pela Divisão de Atenção ao Idoso (Dati). Segundo Portella (2004), no ano de 1993, no início dos trabalhos existiam oito grupos funcionando nas vilas da zona urbana; em 2001 esse número aumentou para quarenta grupos, dos quais 33 estavam espalhados por diversos bairros da cidade e sete na zona rural.

Os grupos de convivência podem ser considerados espaços não formais de educação, onde é possível desenvolver diversas intervenções educativas para pessoas idosas. Contudo, segundo Doll (2002), observa-se que no Brasil ainda existem poucas reflexões teóricas a respeito das práticas e experiências de atividades educativas com idosos. Isso se deve ao fato de a pedagogia ter se desenvolvido mais no campo da alfabetização e educação de jovens e adultos em nosso país, tendo a educação escolar como referência.

O aprender é um processo contínuo e não limitado à idade nem à aquisição de conhecimentos em espaços formais de educação. A aprendizagem está relacionada, nessa perspectiva, não apenas à integração de novas informações e conhecimentos pelo sujeito, mas também à incorporação de diversas formas de como se pode ser sujeito de acordo com os significados produzidos num determinado contexto. Nesse sentido, os grupos de convivência são espaços privilegiados para os sujeitos aprenderem a ser velhos e velhas de acordo com os discursos que atribuem sentidos a esta etapa da vida.

Compreende-se que o desenvolvimento é um processo que inicia com o nascimento e prossegue ao longo do tempo e durante o envelhecimento, findando com a morte do ser humano. Ao longo de sua biografia, a vida cotidiana apresenta-se para o sujeito como uma realidade interpretável e dotada de sentido. O sujeito, dessa forma, constrói suas experiências de vida de acordo com os significados que a realidade oferece para as suas ações, condutas e valores.

Assim, é importante destacar que a velhice, como as demais etapas da vida, é

construída socialmente pelo modo como uma cultura organiza a existência dos sujeitos. Esta estrutura temporal da existência (BERGER e LUCKMAN, 2004), ao criar expectativas de comportamentos, mostra as possibilidades de como o sujeito pode “ser”, de acordo com o momento de vida que está experienciando. Nesse sentido, pertencer a um grupo de idade significa “estar” conforme as normas daquele grupo: saber o que se pode ou não fazer, reconhecer o que os outros esperam que façamos, que comportamentos sejam aceitáveis ou não. A idade passa a ser, então, não só uma marcação cronológica, mas um meio de nos definir, delimitar e descrever.

Em cada faixa etária somos interpelados a adotar certos tipos de comportamento, os quais são influenciados pelos discursos culturais sobre o modo como “devemos” viver determinada idade. Segundo Hall (1997, p. 50), “o discurso é um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto as concepções que temos de nós mesmos”, ou seja, opera em direção à produção de sentidos e de sujeitos sociais. Portanto, a cultura, ao conceder significados aos objetos do mundo, aos valores e às posturas, vai criando expectativas, ensinando comportamentos aos sujeitos e produzindo, assim, as diferentes formas de ser.

Larrosa (1994) reforça ainda que a cultura deve transmitir um certo repertório de modos de experiência de si, devendo todo membro aprender a ser pessoa em alguma das modalidades incluídas nesse repertório. Dessa forma, os discursos prescrevem comportamentos que a pessoa deve ter, avaliam o que uma pessoa faz e sugerem, assim, as verdades acerca

da realidade que devemos interiorizar e, por meio delas, guiar nosso olhar sobre o mundo. Contudo, os discursos podem entrar em conflito, principalmente no mundo contemporâneo, no qual velhas certezas opõem-se à produção de novas formas de posicionamento.

Ao longo da trajetória de vida o sujeito aprende as posturas adequadas às diversas situações de sua vida cotidiana. Nesse sentido, entende-se que a mulher, com o passar do tempo, aprende a ser velha de acordo com as possibilidades oferecidas pelo contexto histórico e cultural em que está inserida. Assim, a cronologização do ciclo de vida marca segregações entre as etapas, definindo idades para marcar a passagem de uma para outra e comportamentos esperados para cada período da vida. Dessa forma, quando completamos um certo número de anos, somos captados por algumas imagens e certas práticas sociais. A idade que julgamos ter não é nossa, mas acabamos nos apropriando de uma idade já construída, de uma idade que é do outro e que nos define socialmente (LLORET, 1998).

Desse modo, reforça-se a idéia de que mulher idosa interpreta a vida cotidiana de acordo com os significados culturais a ela associados. Nesse sentido, é possível afirmar que esta aprende a ser velha de acordo com os discursos existentes e vigentes sobre a velhice no contexto em que vive. Então, destaca-se que, para a compreensão das possibilidades de cada sujeito construir suas experiências e aprender a ser, é preciso considerar os diversos aspectos da realidade social e cultural em que está inserido, bem como os discursos que atribuem significados a essa realidade.

## Método

Esta pesquisa qualitativa foi realizada no distrito rural de Bela Vista, no município de Passo Fundo, localizado na região do Planalto Médio do estado do Rio Grande do Sul. O estudo, de cunho etnográfico, buscou reconstruir as histórias de vida de mulheres idosas viúvas da comunidade de Bela Vista - RS.

A seleção dos sujeitos da pesquisa seguiu os seguintes critérios: ser viúva com idade a partir de cinquenta anos e ter sempre vivido no meio rural. A introdução da pesquisadora numa das comunidades rurais de Passo Fundo deu-se pela sua aproximação ao grupo de idosas (Dati).

Foram realizadas entrevistas biográficas com nove viúvas (cinco delas participavam do grupo), cujas idades variam entre 51 e 94 anos, e com a coordenadora do grupo. O grupo de entrevistadas pode ser diferenciado, de acordo com a denominação utilizada por Britto da Motta em seus trabalhos (2002a; 2002b), entre as “velhas-velhas” (Marta<sup>1</sup> 93a e Sara 94a) e as “velhas-jovens” (Isabel 51a, Raquel 58a, Lia 61a, Rute 61a, Eunice 63a, Dalila 65a e Ana 68a). Nesse sentido, Debert (1999), criticando as pesquisas que englobam na categoria “velho” todos os sujeitos com mais de sessenta anos, refere, em função da heterogeneidade desta categoria etária, que novos recortes de idade são propostos para diferenciar os estágios do envelhecimento, sendo estes: jovens-idosos (65-75 anos) e idosos-idosos (acima de 75 anos).

Além da entrevista, foram realizadas observações na comunidade e nos encontros do grupo de convivência. Buscou-se sempre registrar o que era observado e realizado durante as idas a campo pela

manutenção de um diário de campo. No contexto desta pesquisa, para a interpretação dos dados coletados optou-se pela construção de categorias analíticas (MINAYO, 1998).

## Análise dos resultados

O município de Passo Fundo possuía, segundo o IBGE (2000), o total de 168 458 habitantes, dos quais 4 694 moram na área rural do município. Possui atualmente cinco distritos rurais: Bom Recreio, Sede Independência, São Roque, Pulador e Bela Vista.

Bela Vista está distante 18 km do centro da cidade de Passo Fundo. De acordo com o IBGE (2000), há 237 domicílios particulares neste distrito. Segundo uma leitura de paisagem realizada pela Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS) (2000), na região de Bela Vista as casas são de alvenaria, de tamanho grande, pintadas e com arredores floridos com arbustos. As estradas de acesso à comunidade são bem conservadas. Há transporte coletivo diário e luz elétrica em todas as casas. A comunidade possui um posto de saúde e uma escola de ensino fundamental completo e bares. A igreja e o salão paroquial estão localizados no centro da vila. É neste salão que são realizadas as festas da comunidade e os encontros do Dati.

Em relação a alguns aspectos históricos, Bela Vista destaca-se por seu povoamento, no início do século XX, ter sido realizado por imigrantes italianos oriundos de outras partes do estado. As duas senhoras mais velhas entrevistadas neste estudo são chamadas de “nonas” tanto pelos membros de suas famílias quanto por outras pessoas

da comunidade, o que revela traços da cultura italiana nesta localidade.

Quanto ao cultivo de grãos, Bela Vista destaca-se pelo plantio basicamente de soja, milho, trigo, cevada e aveia. As propriedades possuem, em média, de 40 a 50 ha. Quanto a aspectos econômicos, há na comunidade criação de bovinos para corte e leite e a presença de estabelecimentos que exercem atividades não agrícolas, como olarias, madeireira, mecânica e serviço de transporte para a cidade.

Em Bela Vista observa-se que alguns agricultores, além de cultivarem sua pequena extensão de terras e criarem animais, também trabalham como assalariados nas grandes propriedades locais que cultivam grãos. Assim, pode-se afirmar que a maior parte das propriedades não é usada para a produção de subsistência e está mais voltada para o cultivo de grãos destinados à comercialização.

Esses dados reforçam o apontamento de Fernandes (1999) de que o campo brasileiro passou por uma profunda modernização e expansão do capitalismo nas últimas décadas. As transformações recentes ocorridas em vários setores da agricultura renegaram a agricultura familiar, incentivando a produção em alta escala.

### **Ser mulher velha e viúva no campo: algumas transformações**

Observa-se no contexto pesquisado uma série de mudanças na forma como a mulher vivencia seu envelhecimento e sua viuvez. Destacam-se três aspectos que vêm se transformando e organizando o universo feminino das diferentes gerações: o trabalho, as relações conjugais e as experiências num grupo de convivência para idosas.

Os discursos acerca do trabalho, da relação entre marido e esposa e do envelhecimento promovidos no grupo configuram marcas significantes de mudança na constituição da identidade da mulher idosa e viúva. Nesse sentido, é importante refletir sobre essas mudanças para visualizar um meio rural que envelhece e que vem se tornando cada vez mais diverso.

### **O trabalho**

O grupo que participou desta pesquisa, como já mencionado, é composto por mulheres de gerações diferentes, cujas narrativas revelaram mudanças ocorridas na história da agricultura na região do Planalto Médio do Rio Grande do Sul, as quais influenciam nas formas de ser mulher no campo e de envelhecer neste contexto.

Todas as mulheres entrevistadas iniciaram suas atividades de trabalho na primeira infância, demonstrando que no contexto rural era “natural” para a criança crescer trabalhando o tempo inteiro, tanto na roça quanto em casa. Percebe-se que a narrativa das mulheres sobre sua infância, juventude e vida depois de casadas está centrada no trabalho. Elas relatam que suas jornadas de trabalho permaneceram muito árduas ao longo de toda a vida e divididas entre os cuidados da casa e filhos e a lida na lavoura. O trabalho ocupa, dessa forma, um lugar central em suas trajetórias, pois é um fator estruturante de suas existências.

Apesar do sofrimento do trabalho, este pode ser interpretado como um componente de valorização da figura feminina. As mulheres, ao contarem e destacarem este aspecto num contexto de melhora de condições de vida, mostraram que dão ao

trabalho o significado de algo merecido. Dessa forma, o trabalho é visto de forma ambígua, pois, por um lado, representa uma intensa dedicação à casa, aos filhos e à produção durante a vida, constituindo-se muitas vezes como sofrimento para a mulher; por outro lado, produz certo orgulho, considerado importante pelas mulheres, que se percebem como batalhadoras e guerreiras para a manutenção e melhora da vida familiar.

Um aspecto que vem se modificando é o tempo de trabalho da mulher na lavoura. Observa-se, no contexto desta pesquisa, que Marta e Sara, as “velhas-velhas”, pararam de trabalhar na lavoura com mais idade do que as “velhas-jovens”. Dois fatores estão relacionados com essa situação. O primeiro diz respeito aos efeitos da modernização da agricultura sobre a divisão do trabalho por sexo. De acordo com Brumer (2004), na divisão de trabalho que se estabelece entre os sexos, ao homem cabe geralmente a exclusividade de desenvolver serviços que requerem maior força física, bem como o uso de maquinário agrícola mais sofisticado, tal como o trator. Assim, a mulher passa a ser “liberada” do processo produtivo e permanece executando atividades mais rotineiras, ligadas à casa ou ao serviço agrícola mais leve, como o trato dos animais, a ordenha das vacas e o cuidado da horta e do pomar.

O segundo fator que também interfere na diferença de tempo de trabalho na lavoura entre as gerações refere-se aos benefícios previdenciários. A Constituição de 1988 garantiu o acesso das mulheres agricultoras ao benefício da aposentadoria por idade, aos 55 anos. As “velhas-jovens”

estão tendo direito à aposentadoria com menos idade do que as “velhas-velhas”. Os relatos que seguem demonstram que a idade para aposentar-se, ou melhor, afastar-se do processo produtivo, está declinando.

Porque fui criada sempre na roça, desde oito ano e até agora pouco que deixei de trabalhar, com 73. Sempre trabalhei na roça, sempre, sempre, sempre. Levava a minha tropa de piaçada na roça e deixava lá. Fazia um pelego, dois, e levava. Se sentava lá no pelego e iam carpindo. (Marta, 93 anos)

Agora eu acho que faz uns três anos, uns dois anos que eu acho que eu larguei de mão aquilo, que entreguei mesmo. Leite logo que, daí, o meu marido morreu, o meu filho veio morar ali né, daí entreguei as vaca pra ele, não quero mais. Já trabalhei que chegue. (Dalila, 65 anos)

Em relação às mudanças no processo produtivo, se representam, por um lado, o afastamento das mulheres do processo produtivo mais pesado, por outro, significam maior liberdade, especialmente para as mulheres da geração de “velhas-jovens”.

## Os relacionamentos conjugais

Os discursos das mulheres entrevistadas mostram que a dependência da mulher em relação ao esposo está presente na maior parte dos relatos sobre os relacionamentos conjugais, como ilustra a narrativa abaixo:

Porque, olha, eu antes, nós era acostumado assim: se eu tinha de ir a Passo Fundo, ele ia comigo, se ele ia a Passo Fundo, eu ia junto. Eu era tão dependente que eu às vezes tinha até vergonha de dizer. (Rute, 61 anos)



As relações de dependência vivida pela mulher enquanto casada oferecem duas possibilidades de construção de novas experiências com a situação da viuvez: uma pode levar ao caminho da liberdade e a outra, a uma dificuldade de atuação nas diferentes dimensões da vida social. Sara refere sentir-se perdida com a perda do esposo.

É triste. É bem triste ser viúva. Porque era acostumada com o marido, a gente tem com quem conversar, né. E depois fica sem ele, fica uma pessoa assim, meio extraviada porque não tem o homem pra te falar. (Sara, 94 anos)

Já Marta relata que se “obrigou a fazer” aquilo que era realizado pelo esposo, evidenciando, neste caso, que a viuvez conferiu maior autonomia à mulher. Em outro momento da entrevista, Marta cita objetos que adquiriu depois que o marido faleceu, demonstrando o prazer de fazer o que desejava com o dinheiro.

Quando eu comecei a receber, daí eu ia receber. Tudo assim [...]. Fazia o que queria (referindo-se ao dinheiro). Comprei tanta coisa depois que faleceu o meu marido. Comprei uma cama, comprei televisão, comprei um rádio. (Marta, 93 anos)

Percebe-se, assim, que a situação da viuvez pode conceder à mulher das gerações pesquisadas, que durante muito tempo foi submissa ao marido, uma melhoria nos seus vencimentos, uma autonomia e poder de realização não vividos anteriormente em sua vida. Essa idéia da viuvez representa um evento que proporciona mais liberdade para as mulheres, coincidindo com a opinião de Lins de Barros (2004). A autora refere que para as mulheres nascidas nas cinco primeiras

décadas do século XX e socializadas para serem donas de casa e submissas aos pais e, depois, aos maridos a velhice e a viuvez podem representar certa liberdade.

Um traço cultural próprio do grupo de imigrantes de origem italiana que pode intensificar as relações de submissão e dependência vividas pelas mulheres é a divisão entre homens e mulheres das tarefas de trabalho. Segundo Louro (1990), a lida das mulheres imigrantes italianas era voltada para a roça e para a casa. Contudo, não parece haver uma divisão entre esses dois universos do trabalho como ocorre nas camadas urbanas, em que há uma nítida separação entre o trabalho não remunerado da casa e o trabalho remunerado exercido fora da casa. Dessa forma, o trabalho da roça parece ser percebido como uma continuidade do trabalho da casa. No contexto estudado, observa-se que cabia ao homem desempenhar as atividades mais voltadas ao domínio público, como a venda da produção na cidade e as negociações com bancos. Assim, para o homem, o trabalho tinha uma dimensão fora do lar.

Em relação aos momentos de lazer, as mulheres relataram que os homens encontravam-se na bodega, entendida nesse contexto como o espaço público onde os homens exerciam seus privilégios de beber e jogar. Por sua vez, as mulheres nos momentos de folga também permaneciam voltadas ao âmbito privado, encontrando-se com vizinhas ou realizando tarefas de cuidado do lar. Essa situação não se apresenta como uma particularidade desta comunidade, tendo em vista que é uma prática muito comum em outros espaços rurais. Rossini (2004), referindo-se às atividades realiza-

das no tempo livre por homens e mulheres trabalhadores da agricultura canavieira da região de Ribeirão Preto, no estado de São Paulo, também evidencia essa limitação da atuação feminina ao meio familiar.

No seu depoimento, Ana demonstra um sentimento de surpresa quando indagada se acompanhava o marido à bodega, reforçando esta como espaço público exclusivo dos homens.

Quando ele saía, era ir na bodega, ali jogá três sete, afinal essas coisa. (pergunta da pesquisadora: “E quando ele ia na bodega a senhora acompanhava?”). Lá na bodega, o que é que eu ia cheirar lá na bodega? (riso). (Ana, 68 anos)

O relato de Dalila, por sua vez, intensifica a idéia da restrição da mulher ao domínio privado também nas horas de lazer. Dessa forma, enfatiza-se a ausência de um espaço público exclusivo das mulheres.

Ele gostava de ir em jogo de bola, ele gostava. E jogo de carreira também. Mas depois terminou tudo, jogo ele largou um monte. E terminou a de carreira também [...]. Eu achava sempre o que costurar, naquele tempo a gente remendava bastante. E segunda-feira começava a trabalhar de novo. (Dalila, 65 anos)

Observa-se que os espaços públicos da comunidade que poderiam ser compartilhados pelo casal são muito restritos. Como exemplo de lugares em que as mulheres contaram que freqüentavam na companhia de seus esposos podem-se citar os bailes e a igreja. Dessa forma, constata-se que a participação conjunta do casal em espaços públicos na comunidade está mais associada às vontades e às escolhas do marido.

Portanto, nota-se que as gerações de mulheres idosas entrevistadas mantiveram

certo padrão de dependência em relação ao esposo e estiveram mais restritas às esferas domésticas, tanto em relação ao trabalho como no lazer. Hoje, contudo, fatores como as mudanças no ser mulher no contexto rural e os discursos acerca do envelhecimento estão contribuindo para que as mulheres mais velhas estejam construindo um espaço público exclusivo para as suas interações e produção de suas identidades: o grupo de convivência (Dati).

## O grupo de convivência do Dati

O Dati configura-se como um lugar exclusivo das mulheres, um espaço extra-familiar onde as mulheres mais velhas, casadas ou viúvas, podem experienciar situações de liberdade e prazer não vividas anteriormente. Nesse sentido, percebe-se que o Dati, apesar de ser um grupo de convivência para idosos, nesta comunidade está bastante associado a um espaço exclusivo de mulheres, como elucida Isabel na sua fala a respeito das suas atividades de lazer no passado:

Na época não tinha, que nem agora tem, vamos dizer, o Dati. As mulher já vão e os marido ficam, né. E na época não tinha isso aí, né. Então, era sempre junto, sempre junto. (Isabel, 51 anos)

Em relação à participação no Dati, cabe destacar que as duas mulheres da geração de “velhas-velhas” entrevistadas não participam do grupo. Já em relação às “velhas-jovens” apenas duas não freqüentam o Dati. Esse fato revela as diferenças existentes nos modos de envelhecer das gerações e leva-nos a crer, como refere Lins de Barros (2004), que a geração das idosas mais jovens, “de uma forma consciente ou não, acolheu a idéia do



que chamamos de um modo terceira idade de envelhecer” (p. 54).

Ao longo da participação nos encontros do Dati por ocasião desta pesquisa, foi possível observar que parte do grupo é formada por mulheres com idade inferior a cinquenta anos. Atualmente, participam do grupo vinte mulheres com menos de cinquenta anos e 49 com idade superior a cinquenta anos. Como durante uma conversa com a coordenadora geral do Dati obtive a informação de que a idade limite para ingressar nos grupos de terceira idade era cinquenta anos, questionei-me por que em Bela Vista mulheres mais jovens também participavam. Além disso, diversas vezes observei que crianças participavam das reuniões junto com as avós. A coordenadora do grupo esclareceu-me tal situação. Segundo ela, apenas nas comunidades rurais as mulheres com menos de cinquenta anos podem participar do grupo, pois nesses contextos o Dati se assemelha aos clubes de mães, dos quais participam avós, mães, filhas e netos. Contudo, de acordo com a coordenadora, “a voz e a vez” é das mulheres mais velhas. Essa situação enfatiza que, mesmo sendo um grupo de idosos, a sua essência está mais vinculada ao fato de ser um grupo de mulheres.

Observou-se também que as mulheres entrevistadas atribuem bastante importância a se manterem ativas e ocupadas como estratégia para viverem melhor, inclusive, para vencer a dor da perda do esposo. Isabel destaca a distração e as atividades realizadas fora de casa como iniciativas da pessoa para combater as tristezas da vida.

Eu não fico assim, aqueles pensamento não fica me machucando porque logo eu tento distraí. E eu saio muito sabe, eu sou

uma pessoa assim, que eu saio bastante né. Eu tenho bastante compromisso, então eu acho que isso aí tem me ajudado muito. (Isabel, 51 anos)

Assim, observou-se que o Dati é um local em que se produzem novos discursos acerca da realidade social e, dessa maneira, também possibilita que as mulheres mais velhas, pela prática de novas atividades possam manter-se distantes da imagem tradicional da velhice e viver “ativamente” o seu envelhecimento. Isso ocorre pela prática de atividades físicas nos encontros dos grupos, pela participação nos bailes para a terceira idade nos finais de semana e nas viagens e excursões.

Uma das raízes da importância atribuída ao envolvimento ativo com a vida é o discurso gerontológico da atividade, o qual propõe que, quanto maior o envolvimento dos idosos em atividades, maior a sua satisfação com a vida. Esse é um discurso prescritivo na medida em que vincula qualidade de vida na velhice à adoção de certos tipos de práticas de sentir, de agir e de pensar (BARROS e CASTRO, 2002).

Portanto, o Dati, enquanto espaço de interação entre as pessoas, é também um lugar em que circulam discursos que ensinam aos sujeitos outras maneiras possíveis de se comportar e de se viver. Durante as minhas visitas aos encontros do grupo, pude observar que as mulheres acabam por reproduzir comportamentos esperados e estimulados pelo contexto do grupo. Um exemplo que pode ser dado refere-se a uma situação que ocorreu durante a “chamada”, no início de um dos encontros. Nesta ocasião, quando a coordenadora chamou o nome de uma

das senhoras que estava sentada ao meu lado, ela respondeu “aqui” com um tom alto de voz e levantou as mãos. Voltou-se para mim e disse: “É pra brincar bastante. Tem que se divertir” (Diário de Campo, 12/5/2004).

Percebe-se, assim, a produção de um significado positivo ao fato de o sujeito estar em movimento, dançando e fazendo brincadeiras. Embora a construção deste espaço propicie às mulheres viúvas viverem experiências novas e prazerosas, gozando de mais liberdade, seja muito importante e positiva, observa-se em certos momentos que essa possibilidade de divertimento transforma-se em dever e cobrança.

Portanto, a participação no Dati pode produzir formas esperadas de ser, de viver e de se comportar na velhice. Os discursos que circulam nesse espaço produzem significações acerca das posturas da mulher que está envelhecendo. Dessa forma, o grupo também acaba por ser ordenador de sentido da vida social (SILVA, 2000), já que ir para o Dati está se constituindo como uma nova ordem social na comunidade. Nesse sentido, Simon (1995) refere que os modos de produção de significados que buscam normatizar certas “verdades” são constituídos para orientar a concepção do sujeito daquilo que é adequado, esperado e verdadeiro.

## Considerações

A viuvez na velhice, como observado na análise dos dados do estudo realizado, pode se caracterizar como processo, muitas vezes sofrido, de desenvolvimento de

novas habilidades, porém significante de liberdade e autonomia para a mulher numa etapa tardia da vida.

As mulheres entrevistadas aprendem a ser velhas e viúvas num cenário de mudanças do modo de produção rural, que alteram as maneiras de ser mulher e seus relacionamentos, de surgimento de novos discursos sobre o envelhecimento e de significados atribuídos a esta etapa da vida.

A situação da viuvez traz a necessidade de a mulher adaptar-se à vida sem o esposo, tanto em termos práticos como de identidade. Essas aprendizagens são mediadas pela ação dos diferentes discursos, que atuam como princípios geradores de conduta e que podem ser identificados como o discurso do imigrante italiano, o discurso da viúva tradicional, o discurso do grupo para a terceira idade, entre outros. Nesse sentido, observa-se que as duas gerações de mulheres entrevistadas revelaram aspectos diferentes no que toca à vivência do envelhecimento e da viuvez. O trabalho marcou mais fortemente a velhice das “velhas-velhas”, ao passo que o discurso da atividade e diversão está mais presente nas narrativas das “velhas-jovens”.

Portanto, os princípios geradores das condutas presentes nesta comunidade produzem um campo de forças entre discursos antigos (que aparecem marcados pela cultura dos imigrantes), discursos novos (que assinalam as mudanças no meio de produção rural) e o discurso gerontológico produzido pelo grupo, que prescreve a atividade e diversão como elementos de bem-estar, apresentando-se novas possibilidades de viver a viuvez e a velhice.

## Abstract

### The women elderly and widowhood in a rural context: some considerations

This study aims at understanding how the elderly woman builds her experience of being an old widow through a qualitative research took into effect in the rural district of Bela Vista, Passo Fundo, in Rio Grande do Sul. This rural environment was founded by Italian immigrants in the beginning of the twenty century and nowadays is characterized by the grain production in big proprieties. The woman who loses her husband learns how to be a widow in the cultural environment where she lives and through the speeches that give sense to the widowhood. The speeches prescribe the individual behaviors, evaluate what a person does and then suggest the truth about reality that should lead our view over the world. The data collection was carried out through interviews about the life story of nine widows (ages from 51 to 94 years old) as well as observations of the community. The group of women interviewed could be distinguished between "old-old women" (from ninety three to ninety four years old) and "old-young women" (from fifty one to sixty eight years old). The data were analyzed through the construction of analytical categories. It was possible to observe some changes in the way how elderly women are facing their aging as well as building their experience as widows. Three aspects which structure their experiences are highlighted as follow: work, marital relations and experiences in a group of elderly people. Thus, wo-

men learn how to be old and widow in a changeable environment in the rural production means and the arise of new speeches about aging and meanings which are typical of this period of life.

**Key words:** Woman. Aging. Widowhood. Rural means.

## Referências

- BARROS, R. D. B.; CASTRO, A. M. Terceira idade: o discurso dos experts e a produção do "novo velho". *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 4, p. 113-124, 2002.
- BERGER, P.; LUCKMAN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRITTO DA MOTTA, A. Viúvas alegres: uma nova/velha geração. In: COSTA, A. A. A.; SARDENBERG, C. M. B. *Feminismo, ciência e tecnologia*. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002a. p. 263-276.
- \_\_\_\_\_. *Viúvas: o mistério da ausência*. 2002-b. 16p. Trabalho inédito.
- BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 10 jan. 2005.
- DEBERT, G. G. A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Org.). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papirus, 1999. p. 41-68.
- DOLL, J. Pedagogia social e a realidade brasileira. In: ENCONTRO IBERO-AMERICANO: A INTERVENÇÃO EDUCATIVA NA VELHICE DESDE A PERSPECTIVA DE UMA PEDAGOGIA SOCIAL, I. 2002, Caxias do Sul. *Anais...* Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2002. p. 48-53.
- EMATER/RS. *Leitura da paisagem*. Passo Fundo, 2000. 5p.

- FERNANDES, B. M. Por uma educação básica do campo. In: ARROYO, M.; FERNANDES, B. M. (Org.). *Por uma educação básica e o movimento social do campo*. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999. p. 57-70. (Por uma Educação Básica no Campo, n. 2)
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- IBGE. *Censo demográfico 2000* - resultado do universo, 2002. CD-ROM.
- LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 35-86.
- LINS DE BARROS, M. M. Envelhecimento, cultura e transformações sociais. In: PY, L. et al. (Org.). *Tempo de envelhecer*. Rio de Janeiro: Nau, 2004. p. 39-60.
- LLORET, C. As outras idades ou as idades do outro. In: LARROSA, J.; LARA, N. P. (Org.). *Imagens do outro*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 13-23.
- LOURO, G. L. Lembranças de velhas colônias italianas: trabalho, família e educação. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 33-43, jul./dez. 1990.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.
- PORTELLA, M. R. *Grupos de terceira idade: a construção da utopia de envelhecer saudável*. Passo Fundo: UPF, 2004.
- ROSSINI, R. E. A modernidade tecnológica no campo aumenta a exclusão da mulher e acelera as masculinidades na força de trabalho na agricultura canavieira altamente capitalizada (área de Ribeirão Preto – São Paulo- Brasil). In: CARVALHO, M. J. S.; ROCHA, C. M. F. (Org.). *Produzindo gênero*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 185-194.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Identidade e diferença: perspectiva dos estudos culturais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.
- SIMON, R. A Pedagogia como uma tecnologia cultural. In: SILVA, T. T. (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 61-84.

#### Endereço:

Caroline Stumpf Buaes  
Rua Silva Jardim, 75/604  
CEP 90450-071  
Porto Alegre - RS  
E-mail: carolinebuaes@ig.com.br